

EDUCAÇÃO SEXUAL PARA ADOLESCENTES: INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS E MÉTODOS CONTRACEPTIVOS EM FOCO

SEXUAL EDUCATION FOR ADOLESCENTS: SEXUALLY TRANSMISSIVE INFECTIONS AND CONTRACEPTIVE METHODS IN FOCUS


Francisco Nunes de Sousa Moura¹, Lucas Diogo Rosa², Olivio Soares Araújo³,
Francisca Daniela Lira Mota⁴, Jones Baroni Ferreira de Menezes⁵


Recebido: setembro/2018 Aprovado: junho/2020


Resumo: A educação sexual é fundamental para a formação pessoal e social do ser humano, sendo imprescindível a abordagem no contexto escolar, de modo a sanar deficiência de informações provenientes da educação familiar. Contudo, muitas vezes os docentes não possuem saberes necessário para tal ensino, tornando-se essencial e preciso a parceria entre profissionais da educação e da saúde para proporcionar conhecimento mais interativo e dinâmico aos discentes. Assim, o objetivo deste trabalho incide em relatar sobre uma palestra realizada com alunos do Ensino Fundamental quanto a temática sexualidade. Para a efetuação desta pesquisa qualitativa ocorreu conversas informais com membros da saúde para realização da palestra, com alunos do 8º e 9º ano do Ensino Fundamental, e obtenção de materiais palpáveis dos métodos contraceptivos. Observou-se que os envolvidos possuem conhecimentos mínimos relacionados às infecções sexualmente transmissíveis e aos métodos contraceptivos; e a presença de materiais concretos contribuiu para internalização de aprendizado a respeito dos distintos métodos contraceptivos. Diante do exposto, constata-se a relevância de parcerias para consolidar saberes interdisciplinares e, assim, efetivar a aquisição de conhecimento aos alunos.


Palavras-chave: educação em saúde, ensino de ciências, mecanismos reprodutivos.


Abstract: Sex education is fundamental for the personal and social formation of human beings, and it is essential to approach it in the school context, in order to remedy deficiency of information from family education. However, teachers often lack the knowledge necessary for such teaching, making it essential and precise the partnership between education and health professionals to provide students with more interactive and dynamic knowledge. Thus, the objective of this work is to report on a lecture held with elementary school students on the topic of sexuality. In order to carry out this qualitative research, informal conversations took place with health members to give the lecture, with students from the 8th and 9th years of elementary school, and obtain palpable materials from contraceptive methods. It was observed that those involved have minimal knowledge related to sexually transmitted infections and contraceptive methods; and the presence of concrete materials contributed to internalize learning about the different

1  <http://orcid.org/0000-0002-8745-5010> - Mestrando em Educação pela UFC. Bolsista da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico - FUNCAP, Fortaleza, Ceará, Brasil. Rua Quintino Cunha, 1131, Bairro Cajás, 63707-088, Crateús, Ceará, Brasil. E-mail: nunes.moura@aluno.uece.br

2  <https://orcid.org/0000-0002-2156-6316> - Mestrando em Biotecnologia pela UFC. Coordenador da Assistência Farmacêutica de Iporanga, Iporanga, Ceará, Brasil. Rua Augusto Evaristo, s/n, Central, 62215-000, Iporanga, Ceará, Brasil. E-mail: lucasdiogorosa@gmail.com

3  <https://orcid.org/0000-0001-7607-5306> - Bacharel em Enfermagem pela FPO. Técnico em Enfermagem no Hospital Municipal Drº Francy Frota, Iporanga, Ceará, Brasil. Rua Antonio Vieira, 14, Centro, 62215-000, Iporanga, Ceará, Brasil. E-mail: olivio-33@hotmail.com

4  <http://orcid.org/0000-0003-0514-6255> - Especialista em Ensino de Ciências da Natureza e Exatas pela FLATED. Professora temporária da Secretaria de Educação de Novo Oriente, Novo Oriente, Ceará, Brasil. Rua Penha Marques, 288, Centro, 63740-000, Novo Oriente, Ceará, Brasil. E-mail: daniela.mota@aluno.uece.br

5  <http://orcid.org/0000-0002-9193-3994> - Doutorando em Educação pela UECE. Professor Assistente no curso de Ciências Biológicas da FAEC/UECE, Crateús, Ceará, Brasil. Avenida Dr. Silas Munguba, 1700, Itaperi, 60714-903., Fortaleza, Ceará, Brasil. E-mail: jones.baroni@uece.br

contraceptive methods. In view of the above, the relevance of partnerships is confirmed to consolidate interdisciplinary knowledge and, thus, effect the acquisition of knowledge to students.

Keywords: health education, science teaching, reproductive mechanisms.

1. Introdução

A adolescência é uma etapa permeada por inúmeras transformações, muitas dúvidas e anseios que precisam de atenção e acesso à informação correta. Constantemente, temas polêmicos como sexualidade são tidos como “tabus”, principalmente no ambiente familiar, o que resulta no papel determinante de propagação que as escolas precisam realizar com as informações acerca dessa temática (NERY *et al.*, 2015).

Assim, a educação sexual é fundamental para a formação pessoal e social do ser humano. Neste sentido, a escola necessita explicar esses assuntos de maneira a sanar a deficiência de informações provenientes da educação familiar, tendo em vista a disseminação de informações adequadas como maneira de reduzir a incidência dos casos de Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) e gravidez na adolescência (MENEZES; MATOS, 2015).

No Brasil, a lei nº 60/2009 determina a educação sexual no currículo escolar, o que demonstra o importante papel da escola no ensino de sexualidade aos alunos (BRASIL, 2009). Outro fator importante é a compreensão cultural sobre o tema que também mantém influência na disseminação da formação sexual e no desenvolvimento pessoal dos estudantes, sendo significativo a ampliação do pensamento sobre sexualidade também dos pais (CARNEIRO *et al.*, 2015).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) discorrem sobre o tema orientação sexual em molde transversal nas instituições de ensino (BRASIL, 1997). Todavia, na realidade escolar ainda se encontra a ausência de planejamento e estudos quanto a sexualidade desde o Projeto Político Pedagógico da instituição de ensino, no tocante de minimizar a carência desses estudos e aprofundamentos na temática (ALTMANN, 2001). Tais problemáticas são intensificadas com as mudanças governamentais atuais na educação, contidas na Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2017), em que retira a educação sexual como tema transversal e a realoca apenas a uma disciplina e ano escolar específicos, como identificado por Moura e Leite (2019).

Não obstante, considerando a temática sexualidade uma preocupação também de outros órgãos públicos, como o da Saúde, a realização de parcerias entre a educação e a saúde pode contribuir na abrangência deste assunto, tendo em vista a sua complexidade e a importância para o público jovem que forma as escolas da Educação Básica. Desta maneira, os profissionais da Secretaria de Saúde são importantes para os professores buscarem auxílio na disseminação das informações, bem como contribuem no processo de sensibilização sobre um tema polêmico, como a sexualidade. Neste sentido, vivencia-se uma relação mutualística entre os envolvidos no intento de contribuir na prevenção das IST e da gravidez não planejada.

A necessidade de buscar meios para informar os jovens cresce juntamente com os índices de gravidez na adolescência, fato considerado de risco e inapropriado para a faixa etária de 15 a 19 anos. Os números alarmantes de adolescentes grávidas decresceram no Brasil, mas ainda nessa década há números relevantes, já que, segundo relatório da Organização das Nações

Unidas (ONU), de 2019, a cada mil meninas entre 15 a 19 anos, 68 engravidaram, superando os valores mundiais que totalizam 44¹. Há também um crescente número de IST entre a população mais jovem e os inúmeros casos de abortos de risco a cada ano no país, o que ressalta o papel indispensável da família e da escola em desenvolver estratégias para sanar essas problemáticas. Porém, tendo as famílias resistência em abordar o tema referido, a intervenção da escola toma proporções ainda maiores e determinantes na vida desses jovens (RODRIGUES; FONTES, 2016).

A realidade apresentada pode ser reflexo das atitudes familiares, que seguem crenças, mitos e tabus sobre o tema em destaque, fato que impossibilita o tratamento da temática de forma natural como deve ocorrer com os adolescentes. Seguindo esse pressuposto, a vivência de informações errôneas e falsas pode desencadear diversas reações irreversíveis nas experiências dos jovens, tendo esses que aprender na prática o que não foi aprendido na teoria. É precípuo destacar que as consequências dos atos sexuais não se resumem apenas em gravidez indesejável ou IST, mas também em danos psicológicos, como traumas, o que fragiliza a continuidade das relações sexuais (SOUSA; FERNANDES; BARROSO, 2006).

Nesta perspectiva, é preciso a implementação de projetos governamentais, além de parcerias entre escolas e profissionais da saúde para melhor abordar temas polêmicos como a sexualidade, e também para que a Educação Básica esteja apoiada no contexto e na metodologia que melhor se adeque à compreensão e à apreensão de saberes teóricos instruídos na vida dos alunos, e que se utilize de diferentes meios como parcerias com agentes externos à escola para chamar a atenção de seus alunos para a seriedade do assunto (RUFINO *et al.*, 2013).

Seguindo os pressupostos elencados acima, o presente artigo consiste em um relato de experiência de uma atividade realizada com alunos do 8º e 9º ano do Ensino Fundamental, no intuito de apresentar informações sobre os métodos contraceptivos e as IST. Essa atividade, com a parceria entre membros da educação e da saúde, instiga a minimização dos casos de gravidez indesejadas e doenças causadas, sobretudo, pela falta de cuidados e de informações referente ao assunto sexualidade.

A efetivação de parcerias é um importante complemento na formação dos alunos, visto que supre lacunas na formação docente, entre elas, a falta da inserção do assunto sexualidade na matriz curricular dos professores de Ciências e Biologia, sendo essa realidade presente na formação do docente, o qual teve contato apenas com disciplinas específicas de desenvolvimento embrionário, anatomia e fisiologia dos órgãos sexuais. Portanto, faltam abordagens dos métodos contraceptivos, IST e até mesmo das estratégias didáticas de estudos destes assuntos.

A instrução do assunto sexualidade deve estar presente nos cursos de licenciatura, especialmente, todos de atuação na Educação Básica, uma vez que esses professores vão lecionar para alunos na fase de transição para a puberdade. Desta forma, a disseminação de informações se torna importante na realização de práticas confiáveis e na amenização de fobias durante a transformação natural do corpo humano. Outro destaque para a inserção do tema

1 Informações obtidas da Associação Nacional dos Servidores Públicos, da Previdência e da Seguridade Social – Anasps. Disponível em: <<https://www.anasps.org.br/onu-alerta-para-o-alto-indice-de-gravidez-na-adolescencia-no-brasil/>>. Acesso em: 14 de janeiro de 2020.

educação sexual na formação inicial incide na preparação docente para agregar experiências exitosas do saber e fazer relacionados a sexualidade (LIMA; SIQUEIRA, 2013).

Diante do exposto, o objetivo deste trabalho consiste em relatar uma palestra sobre a temática sexualidade produzida com alunos do 8º e 9º ano de uma Escola de Ensino Fundamental, localizada na zona rural da cidade de Ipaporanga/CE. Para a consolidação desta proposta científica, o presente artigo seguiu a trajetória metodológica descrita a seguir.

2. Percurso metodológico

A presente pesquisa é do tipo descritiva, com abordagem qualitativa. Na finalização desta abordagem “deve apresentar um texto capaz de transmitir informações concisas, coerentes e, o mais possível, fidedignas” (MINAYO, 2012, p. 625), possibilitado por interações entre os envolvidos e suas distintas reações. Este trabalho foi realizado com alunos do 8º e 9º ano de uma escola localizada na zona rural do município de Ipaporanga/CE.

A temática sexualidade faz parte da matriz curricular da disciplina de Ciências para os alunos do 8º ano do Ensino Fundamental II, os quais apresentaram dúvidas no decorrer da aula. Desta maneira, tornou-se ainda mais necessária a presença de um profissional da saúde experiente sobre o assunto, para conversar com os alunos e sanar seus questionamentos referentes ao tema abordado. Após a efetivação da aula com os alunos do 8º ano, alguns discentes do 9º ano solicitaram ao docente a realização da mesma palestra, em virtude de não terem tido a oportunidade quando estudaram sobre o tema.

Para a consolidação da propagação das informações sobre a temática proposta foi realizada uma palestra em setembro de 2017, com a durabilidade de 2 horas aula para cada turma, sendo o 8º ano formado por 29 discentes e o 9º ano composto por 27 alunos. Esta palestra foi realizada por um enfermeiro de Ipaporanga com apoio pedagógico do professor na etapa de tira-dúvidas. No que tange a consolidação desta prática, o docente realizou uma conversa informal com o enfermeiro, que se disponibilizou a dialogar com os alunos sobre os métodos contraceptivos e as IST, juntamente com a formação anatômica e fisiológica dos mecanismos reprodutivos dos seres humanos. Como uma forma de contextualizar a aula, obteve-se da farmácia da Secretaria de Saúde, por intermédio de um ofício, diversos métodos contraceptivos para apresentar aos alunos (figura 1), sendo feita parceria com o farmacêutico municipal.

Vale destacar que os participantes do presente trabalho não sofreram nenhum risco físico ou mental e as identidades dos alunos, bem como dos participantes ativos na execução da palestra são preservadas ao longo da descrição desta atividade. Neste sentido, este trabalho segue os preceitos éticos preconizados pela resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS).



Figura 1 - Métodos contraceptivos obtidos na Secretaria de Saúde (Ipaporanga-CE, 2017).

3. Educação sexual no ambiente escolar

Na presente seção há o relato das ações de educação sexual desenvolvidas. Neste processo da palestra informativa, houve informes de aspectos epidemiológicos, patológicos, do tratamento e medidas profiláticas das principais IST, seguidos dos métodos contraceptivos e do esclarecimento de dúvidas.

O enfermeiro iniciou relatando sobre as IST e, em conseqüente, descreveu quanto aos métodos contraceptivos, sendo o primeiro apresentado apenas com exposição de slides e o segundo com acompanhamento de materiais palpáveis, vistos na figura 1 na seção anterior. Neste processo, as doenças abordadas durante a apresentação consistiram na Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS), Sífilis e Gonorreia em virtude da sua expansibilidade no Brasil.

Nas duas turmas, o questionamento inicial feito aos alunos dizia respeito à sigla IST, cujo objetivo foi saber se eles a conheciam e se saberiam explicar o seu significado. Com isso, observou-se que em ambas as turmas apenas um aluno conhecia sobre o termo e soube explicar de acordo com o seu significado; alguns alunos não opinaram e os demais relataram nunca ter ouvido falar da sigla supracitada. Entretanto, após explicação dos termos, constatou-se que os alunos apenas não relacionaram a sigla com o seu significado, sendo que já possuíam saberes mínimos relacionados ao assunto.

Segundo estudos, a maioria dos alunos da Educação Básica possui conhecimentos prévios do conceito de Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), bem como o reconhecimento das formas de transmissão e de proteção destas doenças. Entretanto, pontos que circundam este tema, tais como conhecimento do tratamento das infecções e conversas familiares são quase inexistentes entre eles (GENZ *et al.*, 2017).

Seguindo esse pressuposto, torna-se importante que o ambiente escolar realize atividades sobre a temática sexualidade, uma vez que a orientação sexual não está presente no seio familiar, tendo o aluno que buscar informações em meios externos, como a internet e os colegas. Outro destaque é realizado na necessidade da construção de políticas públicas que atendam a comunidade juvenil (FERNANDES *et al.*, 2012).

Em conseguinte, o profissional da saúde explicou aos alunos sobre os termos: transmissão, sintomas, diagnóstico, tratamento e profilaxia, no tocante de internalizarem e distinguirem cada termo, visto que as doenças apresentadas estavam divididas nestes subtópicos. Durante a explanação de cada termo, pode-se observar a fixação da atenção dos alunos nos relatos do enfermeiro, seguidas de surpresas ao verem as imagens ilustrativas dos órgãos de pessoas que contraíram as doenças, pois apenas conheciam a existência delas, mas não detinham conhecimento quanto aos efeitos no corpo dos portadores de cada uma.

Um ponto intrigante no percurso da palestra ocorreu no questionamento de um aluno na turma do 8º ano, que indagou “como se prevenir dessas doenças?”, pergunta que silenciou a sala de aula. Após a observação de silêncio dos colegas, o docente e o enfermeiro instigaram os alunos a refletirem quanto ao método contraceptivo que protege à aquisição de IST ao explicarem sobre métodos de barreira e como funcionam, até que um dos colegas associou a camisinha. Na outra turma (9º ano), esta indagação foi realizada pelo enfermeiro e respondida por quase todos os alunos, isso decorreu pelo fato destes estudantes já terem visto o conteúdo no ano anterior.

Apesar dos adolescentes possuírem conhecimentos prévios, estes não são suficientes para a prevenção consolidada das IST, visto que os jovens desconhecem a eficiência dos métodos contraceptivos em toda e qualquer tipo de relação sexual, como também os sintomas precoces das IST. Neste sentido, a problemática da realização das relações sexuais sem proteção é intensificada com a falta de conhecimento dos alunos referentes às características das IST e da concepção da importância dos métodos contraceptivos (FERREIRA; MIRANDA; BARONI, 2016).

Seguindo esse percurso (in)formativo, os métodos contraceptivos chamaram a atenção dos alunos desde o início da palestra, visto que esses materiais (figura 1) estavam expostos ao chegarem à sala de aula. Durante a explanação inicial dos métodos contraceptivos, os discentes foram indagados referentes aos materiais que mais conheciam para a prevenção de gravidez indesejada, eles então citaram apenas a camisinha, o anticoncepcional e a pílula do dia seguinte. As falas dos alunos vão ao encontro de aulas anteriores, pois ao serem questionados previamente quanto aos métodos contraceptivos, tais métodos também foram os únicos enfatizados, o que se observa o limitado saber dos discente.

A exposição dos métodos contraceptivos, nos slides, consistia em características gerais (definição, período de utilização e possibilidade de reaproveitamento) e formas de aplicação. Durante a exibição das imagens da forma de utilização dos métodos contraceptivos, realizou-se a exibição concreta destes, no intuito de apresentar o material palpável aos alunos para fixarem conhecimento e as formas da utilização de cada método.

Segundo a literatura, há a necessidade de práticas de ensino efetivas para consolidação do aprendizado quanto aos métodos contraceptivos, pois atenderá a heterogeneidade de discentes presentes nas instituições de ensino, bem como sensibilizará quanto ao uso dos métodos contraceptivos nessas gerações que iniciam as atividades sexuais de forma precoce (MARQUES *et al.*, 2006). Ainda sobre o processo de sensibilização, os autores acrescentam a parceria entre as escolas da Educação Básica e os pais como ponto norteador para instigar proteção aos jovens.

Neste sentido, é importante a produção de ações para o grupo de adolescentes, uma vez que estas podem intervir de forma positiva no número de jovens que iniciam as suas relações sexuais, instigando a realização de relações seguras, protegidas e saudáveis. Essas atividades são também um processo de formação para os envolvidos da saúde e da educação, haja vista as limitações para abordagem da sexualidade na adolescência devido à falta de habilitação e preparo adequado e eficiente sobre o assunto no período de formação acadêmica (KERNTOPF *et al.*, 2016).

Observou-se durante a exposição a surpresa dos alunos ao visualizarem distintos métodos contraceptivos e suas diversificações, como as diferentes formas de anticoncepcionais (pílula e injetáveis; e o intervalo de tempo para tomar), o tamanho na embalagem do dispositivo intrauterino e divergentes formas das camisinhas masculinas e femininas. É importante ressaltar que não houve a disponibilidade de apresentação do diafragma, visto a sua ausência na Secretaria de Saúde.

A utilização de modelos palpáveis facilita a instrução do conhecimento pelo professor, tornando o ensino mais prático e menos complexo. Com o uso destes materiais é possível explicar conceitos científicos, apresentando aos alunos o assunto abordado, o que facilita uma melhor compreensão e fixação da temática em ênfase. Essa metodologia complementar à tradicional instiga a criatividade do docente para o uso de práticas lúdicas em suas aulas, assim como proporciona um diálogo satisfatório entre o ensino e a aprendizagem (DANTAS *et al.*, 2016).

Neste percurso de apresentação dos métodos contraceptivos, constataram-se alguns questionamentos mais elencados pelos discentes nas duas turmas, tais como “quais as diferenças entre cada anticoncepcional?”; “qual o tamanho do dispositivo intrauterino fixado no útero?”; “é possível utilizar a camisinha masculina e feminina na mesma relação sexual?”; e “como descartar de forma correta a camisinha após a relação sexual?”.

Para a resolução de cada questionamento instigou-se um processo de reflexão aos alunos, contextualizando o surgimento de cada anticoncepcional; relatando sobre o tamanho apresentado do dispositivo intrauterino decorria em virtude da aplicação, que passaria pelo canal vaginal; pontuando problemáticas do uso dos dois preservativos; e explanação dos locais de descarte dos preservativos. Todas essas abordagens didáticas instigaram a reflexão dos alunos e ocorreram com a participação do professor, acompanhadas de um membro da coordenação da instituição de ensino, que colaborou durante a atuação do enfermeiro com relatos pessoais e de conhecidos, além de explicar as formas de aplicação dos métodos contraceptivos.

Desta forma, identifica-se a importância de parcerias entre os membros da saúde e os da educação para concretizar a aquisição de conhecimento aos alunos. Seguindo essa vertente, identifica-se que os jovens desconhecem a maioria dos métodos contraceptivos, mesmo já tendo iniciado as atividades sexuais. Neste contexto, corrobora-se a necessidade de articulações e parcerias entre membros da saúde, escolas e famílias para alterar os altos índices de gravidez na adolescência e a propagação de IST (PORTELA; ARAÚJO, 2013).

Salienta-se que a presente propositura de aula emergiu dos conteúdos programados na proposta curricular da escola para o 8º ano. Entretanto, nesta trajetória já se observa ser preciso o investimento mais intensificado de políticas públicas para que o tema possa ser melhor contextualizado e expandir para diversos anos escolares e disciplinas curriculares (MOLINA *et al.*, 2015). Essa necessidade decorre também pelo fato do tema sexualidade ser abordado apenas na disciplina de Ciências e somente no conteúdo corpo humano, justificado pelo fato dos diversos temas a serem explanados ao longo do ano letivo, assim como descrito pelos demais docentes das outras áreas do conhecimento.

Por fim, outro questionamento realizado por discentes do 8º ano e replicado pelo docente no 9º ano incidiu no motivo da criação de diversas restrições familiares às mulheres comparada aos homens, além dos distintos comportamentos sociais relacionados ao início das atividades sexuais entre homens e mulheres, sendo apontado de forma negativa às mulheres. Estas indagações foram conduzidas sobre explicações de que tais aspectos transcendem as abordagens biológicas da sexualidade, adentrando em fatores sociais, culturais, históricos equivocados. Assim, houve a explanação destes comportamentos conservadores ao longo da história, bem como outros, a saber na fase adulta da vida, relacionados às profissões e às condições de trabalho.

As dúvidas dos alunos representam o conhecimento do comportamento errôneo social, propagado pela cultura e a história da humanidade, em que beneficiam os homens em múltiplos aspectos em detrimento às mulheres (patriarcado), sendo representado por outras abordagens ainda mais pertinentes, como a reprodução desigual das condições de trabalho (CISNE, 2018). Isso deve ser discutido nas instituições de ensino, com o intuito de reversão desta cultura desfavorável a sujeitos sociais. Contudo, documentos curriculares nacionais e projetos, como o Escola Sem Partido, têm suprimido a educação sexual das escolas, pois esta temática é considerada de doutrinação docente, enquanto tais decisões representam idealizações conservadoras dos sujeitos que os produzem, entre eles, a maioria dos congressistas que assume as bancadas legislativas do Brasil (MOURA; LEITE, 2019).

Assim, é importante salientar que o tratamento do assunto sexualidade não deve estar condicionado apenas às licenciaturas em Ciências Biológicas e à disciplina de Ciências na Educação Básica, sendo a temática inerente a todo o desenvolvimento humano. Nesta perspectiva, a educação sexual não é um processo apenas biológico de informatização dos órgãos e de higiene, necessitando acrescentar atitudes que resultem na identidade de gênero e na abordagem do termo de forma cultural e social da prática humana, inserindo nestas a alteração de um cenário crescente de pessoas infectadas por doenças e gravidez indesejadas

(BONFIM, 2010). Todos estes processos permeiam a vida humana e, portanto, as escolas não podem ficar alheias destas e de outras discussões que circundam a sexualidade.

4. Considerações finais

Diante do exposto, observa-se a importância da realização de parcerias entre membros da saúde e da educação para abordagem do tema sexualidade, uma vez que o enfermeiro possui conhecimentos mais aprofundados relacionados às temáticas de saúde e o professor com contributos pedagógicos. Tais temáticas devem ser abordadas nas instituições de ensino no tocante de sensibilizar os alunos quanto a cuidados pessoais de prevenção.

Ainda sobre a relevância das parcerias, constata-se a efetivação destas como norteadoras para a consolidação dos processos de interdisciplinaridade e multidisciplinaridade, visto que houve a troca de saberes entre diversas áreas do conhecimento para proporcionar uma melhor forma de ensino aos alunos. É importante ressaltar que a parceria concretizada com um farmacêutico se tornou relevante para a aquisição de materiais didáticos, o qual reconhece a importância destes para potencializar o processo de ensino e aprendizagem.

Assim, os métodos contraceptivos utilizados em sala de aula contribuíram para internalizar o conteúdo e os conceitos aos alunos, bem como para que pudessem conhecer e diferenciar os métodos. Desta forma, esta atividade didática contribuiu para um processo de ensino diferenciado do tradicional, para a dinamização das aulas, para a aproximação dos alunos com os profissionais da saúde e para a sensibilização da prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis, além de gravidez indesejada.

É precípuo destacar que apesar deste tema ter sido transversal no período histórico dos PCN, as instituições de ensino não concretizavam esse processo na prática, muitas vezes pelo excessivo conteúdo cobrado durante todo o ano letivo, resultante também da falta de formação para agregar a disciplina específica ao tema transversal. É neste sentido que consideramos importante a produção do elo entre educação e outras organizações intersetoriais para internalizar conhecimento aos alunos. Outro ponto relevante é no conhecimento e na vivência prévia destes sujeitos com os múltiplos aspectos da sexualidade, os quais acompanham os jovens e são levados à escola. Diante desta situação, estas não podem fugir do ensino de tal temática, pois não conseguirá efetivar uma formação cidadã eficiente e atender a todos os indivíduos que compõem as escolas.

5. Referências

ALTMANN, H. Orientação sexual nos parâmetros curriculares nacionais. **Revista Estudos Feministas**, v. 9, n. 2, p. 575-585, 2001.

BONFIM, C. R. S. Educação sexual: contradições, limites e possibilidades. **Filosofia e Educação**, v. 2, n. 2, p. 406-423, 2010.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: educação é a base**. v. 1. Brasília, MEC/SEF, 2017.

BRASIL. **Lei 60/2009**. Estabelece o regime de aplicação da educação sexual em meio escolar, 2009. Disponível em: <https://juventude.gov.pt/migratedresources/461000/461003_lei602009.pdf>. Acesso em: 20/01/2019.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: orientação Sexual**. v. 10. Secretaria de Educação Fundamental, Brasília, MEC/SEF, 1997.

CARNEIRO, R. F.; SILVA, N. C.; ALVES, T. A.; ALBUQUERQUE, D. O.; BRITO, D. C.; OLIVEIRA, L. L. Educação sexual na adolescência: uma abordagem no contexto escolar. **SANARE-Revista de Políticas Públicas**, v. 14, n. 1, p. 104-108, 2015.

CISNE, M. Feminismo e marxismo: apontamentos teórico-políticos para o enfrentamento das desigualdades sociais. **Serviço Social & Sociedade**, n. 132, p. 211-230, 2018.

DANTAS, A. P. J.; FARIAS, M. I. R.; SILVA, R. P.; COSTA, N. P. Importância do uso de modelos didáticos no ensino de citologia. In: Congresso Nacional de Educação, 3, 2016, Rio Grande do Norte, **Artigos...** Rio Grande do Norte: CONEDU, 2016.

FERNANDES, X. L. M.; PEDROSO, M. C. M.; RABELO, L. M.; CRUZ, A. H. S.; CAVASIM, G. M. Análise do conhecimento de alunos da educação de jovens e adultos (EJA) sobre doenças sexualmente transmissíveis. **Revista da Universidade Vale do Rio Verde**, v. 10, n. 2, p. 26-34, 2012.

FERREIRA, J. P. T.; MIRANDA, T. M.; BARONI, A. L. L. R. Conhecimento sobre as DST entre adolescentes escolares em Vespasiano, Minas Gerais. **Adolesc. Saúde (Online)**, v. 13, n. 2, p. 51-59, 2016.

GENZ, N.; MEINCKE, S. M. K.; CARRET, M. L. V.; CORRÊA, A. C. L.; ALVES, C. N. Doenças sexualmente transmissíveis: conhecimento e comportamento sexual de adolescentes. **Texto & Contexto Enfermagem**, v. 26, n. 2, p. 1-12, 2017.

KERNTOPF, M. R.; LACERDA, J. F. E.; FONSECA, N. H.; NASCIMENTO, E. P.; LEMOS, I. C. S.; FERNANDES, G. P.; MENEZES, I. R. A. Sexualidade na adolescência: uma revisão crítica da literatura. **Adolesc. Saúde (Online)**, v. 13, n. 2, p. 106-113, 2016.

LIMA, A. C.; SIQUEIRA, V. H. F. Ensino de Gênero e Sexualidade: diálogo com a perspectiva de currículo CTS. **Alexandria: Revista de Educação em Ciência e Tecnologia**, v. 6, n. 3, p. 151-172, 2013.

MARQUES, E. S.; MENDES, D. A.; TORNIS, N. H. M.; LOPES, C. L. R.; BARBOSA, M. A.; O conhecimento dos escolares adolescentes sobre doenças sexualmente transmissíveis/AIDS. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 08, n. 01, p. 58-62, 2006.

MENEZES, J. B. F. MATOS, M. N. P. Educação sexual: perspectiva discente de uma escola na cidade de Iguatu/CE. **Revista Eletrônica Saúde em Diálogo**, v. 5, n. 1, 2015.

MINAYO, M. C. S. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & saúde coletiva**, v. 17, p. 621-626, 2012.

MOLINA, M. C. C.; STOPPIGLIA, P. G. S.; MARTINS, C. B. G.; ALENCASTRO, L. C. S. Conhecimento de adolescentes do ensino médio quanto aos métodos contraceptivos. **Mundo saúde (Impr.)**, v. 39, n.1, p. 22-31, 2015.

MOURA, F. N. S.; LEITE, R. C. M. O conservadorismo e a formação cidadã: a abordagem da Sexualidade no Ensino Fundamental diante do discurso em documentos oficiais. **Educação, Ciência e Cultura**, v. 24, n. 3, p. 61-77, 2019.

NERY, I. S.; FEITOSA, J. J. M.; SOUSA, A. F. L.; FERNANDES, A. C. N. Abordagem da sexualidade no diálogo entre pais e adolescentes. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 28, n. 3, p. 287-292, 2015.

PORTELA, N. L. D.; ARAÚJO, L. P. Conhecimento e prática dos métodos contraceptivos por estudantes adolescentes: um estudo comparativo. **Revista Univap**, v. 19, n. 33, p. 13-24, 2013.

RODRIGUES, I. T.; FONTES, A. Identificação do papel da escola na educação sexual dos jovens. **Investigações em Ensino de Ciências**, v. 7, n. 2, p. 177-188, 2016.

RUFINO, C. B.; PIRES, L. M.; OLIVEIRA, P. C.; SOUZA, S. M. B.; SOUZA, S. S. Educação sexual na prática pedagógica de professores da rede básica de ensino. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 15, n. 4, p. 983-91, 2013.

SOUZA, L. B.; FERNANDES, J. F. P.; BARROSO, M. G. S. Sexualidade na adolescência: análise da influência de fatores culturais presentes no contexto familiar. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 19, n. 4, p. 408-413, 2006.